

A oferta de trabalho dos jovens — tendências e perspectivas

Eduardo L. G. Rios-Neto* e André Golgher**

1. Introdução

Esta nota visa descrever as tendências da oferta de trabalho dos jovens entre 1989 e 2001, além de projetar um cenário inicial para os quatro anos do governo que se inicia, com o intuito de estabelecer parâmetros iniciais de restrições de oferta para o desenho de políticas de trabalho voltadas para a geração de empregos. Trata-se de uma nota descritiva que pretende descrever as tendências recentes para explorar as possibilidades de focalização dos programas nas políticas futuras.

2. Tendências na oferta — jovens comparados aos demais grupos etários

A comparação do desempenho da oferta de trabalho dos jovens com a dos demais grupos etários será efetuada a partir da análise da evolução das taxas específicas de atividade (TEA), por sexo, nos anos de 1989, 1995 e 2001. A fonte primária dos dados é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE. As TEAs são calculadas a partir da razão entre a população economicamente ativa (PEA) em um determinado grupo etário e a população deste grupo etário, em suma, a TEA é a medida de participação na PEA para cada grupo de idade.

No caso da PEA masculina, a tendência dos anos 1990 aponta para uma ligeira modificação do perfil das taxas de atividade, com a manutenção do *plateau* de participação nos grupos etários de 30 a 49 anos, mas um declínio substancial na TEA dos jovens (grupos etários de 15 a 19 e 20 a 24) e do grupo de 25 a 29 anos. A queda ocorreu entre 1989 e 1995, tendo se mantido constante a partir

de então. A Tabela 1 e o Gráfico 1 ilustram esses resultados.

No caso da PEA feminina a tendência é distinta. Verifica-se de fato uma queda na taxa de atividade do segmento mais jovem (15 a 19 anos), mas para os demais grupos etários a tendência é de aumento na taxa de atividade. O nível de atividade das mulheres na PEA é ainda mais baixo do que o dos homens, a despeito do contínuo crescimento no nível de participação feminino. A Tabela 2 e o Gráfico 2 ilustram esse resultado.

O perfil etário da taxa de desemprego mostra a proporção da PEA que não está ocupada e está procurando trabalho no período de referência. No caso da PEA masculina, a Tabela 3 e o Gráfico 3 apontam para uma clara tendência de aumento nos níveis de desemprego em todos os grupos etários. De qualquer forma, os dados mostram que a taxa de desemprego é muito mais elevada no segmento dos jovens (15 a 24 anos) do que nos demais grupos etários. Pouco mais do que um em cada cinco garotos na PEA de 15 a 19 anos estava procurando trabalho em 2001, enquanto mais do que um em cada dez rapazes de 20 a 24 anos procurava trabalho no mesmo período.

Os dados anteriores mostraram que a taxa de atividade feminina apresenta crescimento no período, entretanto, a taxa de desemprego da PEA feminina apresenta crescimento mais elevado do que a masculina, conforme pode ser visto na Tabela 4 e no Gráfico

*Professor titular de Demografia do Cedeplar/UFMG.

**Pesquisador do Cedeplar e doutor em Demografia pelo Cedeplar/UFMG.

TABELA 1
PARTICIPAÇÃO NA PEA (TEA) PARA HOMENS

FAIXA ETÁRIA	ANO		
	1989	1995	2001
15-19	73,3	53,2	47,6
20-24	92,5	82,8	82,1
25-29	96,3	91,8	91,2
30-34	97,3	94,5	93,1
35-39	97,3	95,0	93,5
40-44	96,0	94,5	93,1
45-49	93,0	91,9	89,1
50-54	85,4	85,6	83,0
55-59	76,7	76,6	74,8
60-64	65,8	63,9	59,6
65-69	48,2	48,5	42,8

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 1
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA HOMENS — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

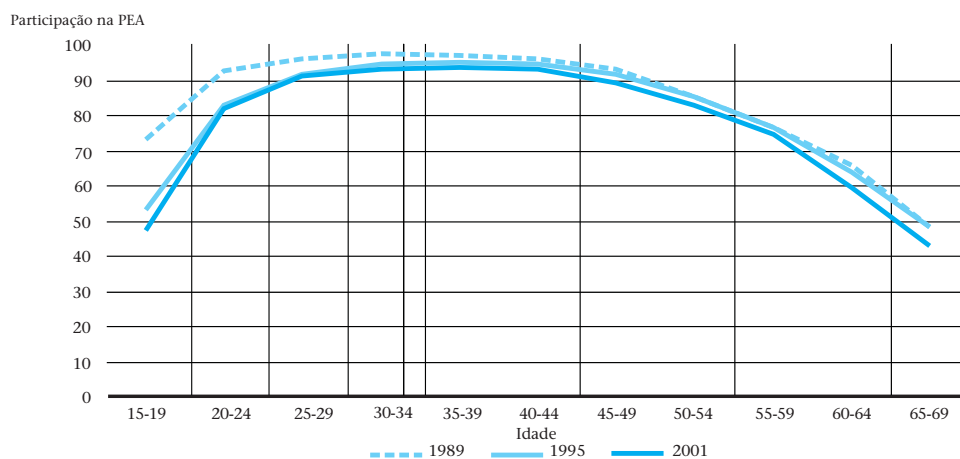


TABELA 2
PARTICIPAÇÃO NA PEA (TEA) PARA MULHERES

FAIXA ETÁRIA	ANO		
	1989	1995	2001
15-19	40,9	36,4	35,4
20-24	52,0	53,4	58,1
25-29	52,4	53,8	60,5
30-34	52,7	56,4	60,9
35-39	53,9	57,4	62,5
40-44	51,1	55,5	59,7
45-49	45,6	48,7	53,8
50-54	37,7	39,7	43,9
55-59	29,4	28,6	32,7
60-64	19,6	18,0	20,8
65-69	11,3	10,2	11,9

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 2
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

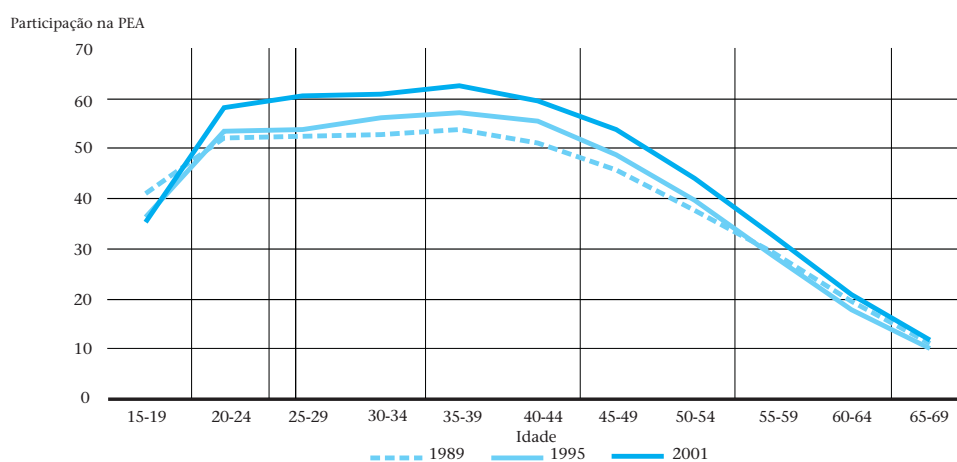
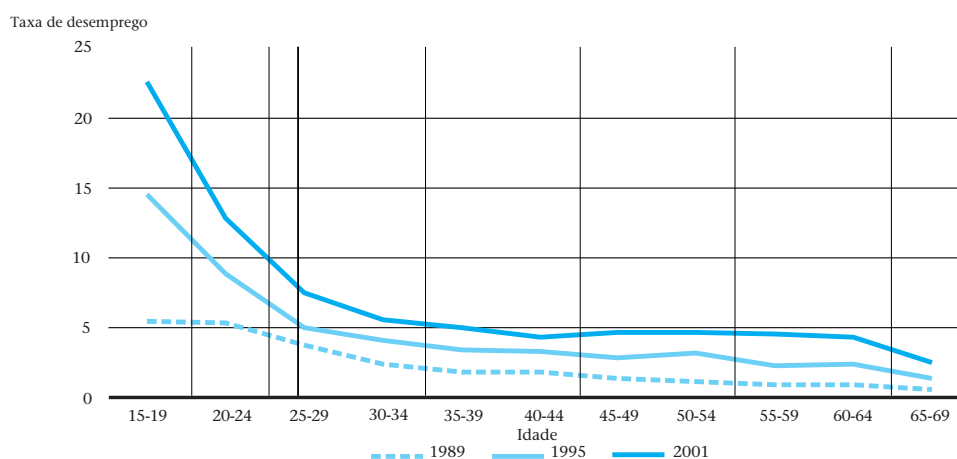


TABELA 3
TAXA DE DESEMPREGO PARA HOMENS EM DIFERENTES ANOS

FAIXA ETÁRIA	ANO		
	1989	1995	2001
15-19	5,5	14,6	22,6
20-24	5,3	8,9	12,8
25-29	3,7	5,1	7,5
30-34	2,4	4,1	5,6
35-39	1,8	3,4	5,0
40-44	1,8	3,3	4,3
45-49	1,4	2,8	4,6
50-54	1,1	3,1	4,6
55-59	0,9	2,2	4,5
60-64	0,9	2,4	4,3
65-69	0,5	1,4	2,5

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 3
TAXA DE DESEMPREGO PARA HOMENS — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS



4. Também neste caso a situação é mais dramática com relação aos jovens, quase uma em cada três garotas na PEA de 15 a 19 anos estava desempregada em 2001, enquanto uma em cada cinco moças na PEA de 20 a 24 anos estava desempregada no mesmo período. Destaque-se que a taxa de desemprego das mulheres é muito mais elevada nas idades de 25 a 39 anos de idade do que no caso masculino.

3. Tendências nas taxas de participação na PEA e desemprego dos jovens

A Tabela 5 e o Gráfico 5 apresentam as TEAs por idade simples dos jovens do sexo mascu-

lino. Os dados por idade simples confirmam a queda substancial nas taxas de atividade durante a década de 1990, com predominância para o período entre 1989 e 1995. Entretanto, os dados também mostram que as taxas de participação dos jovens de 15 a 17 anos continuam caindo na segunda metade da década.

No caso feminino, a Tabela 6 e o Gráfico 6 sugerem uma tendência distinta que aponta para uma ligeira queda nas TEAs de 15 a 17 anos, com um aumento nas TEAs de 18 a 24 anos. Cumpre destacar que o perfil etário por idade simples das TEAs é crescente tanto no caso masculino quanto feminino.

TABELA 4
TAXA DE DESEMPREGO PARA MULHERES EM DIFERENTES ANOS

FAIXA ETÁRIA	ANO		
	1989	1995	2001
15-19	6,2	20,3	30,7
20-24	5,3	13,6	20,9
25-29	3,5	9,1	15,3
30-34	2,2	7,7	11,8
35-39	1,7	6,0	9,3
40-44	0,9	4,5	8,0
45-49	0,7	3,1	6,6
50-54	0,3	3,3	5,5
55-59	0,2	1,9	5,7
60-64	0,0	1,8	4,2
65-69	0,0	2,2	3,4

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 4
TAXA DE DESEMPREGO PARA MULHERES — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

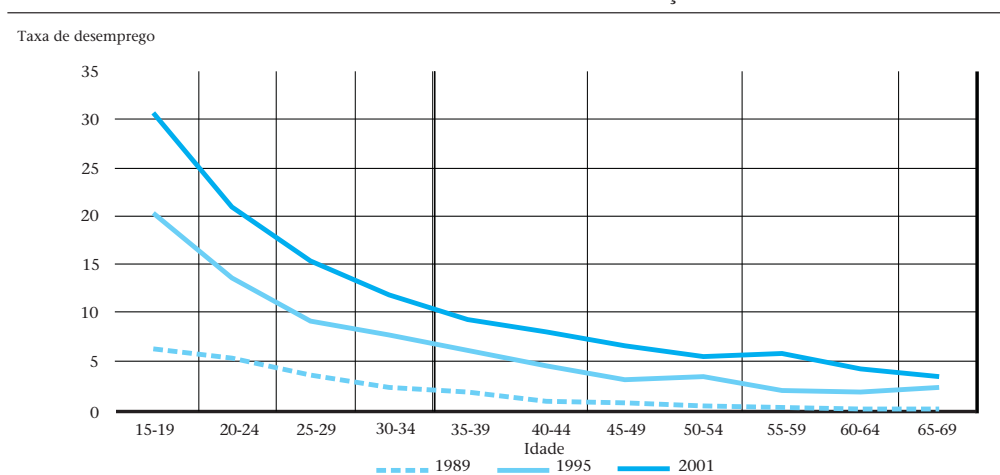


TABELA 5
PARTICIPAÇÃO NA PEA (TEA) PARA HOMENS

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	57,7	37,0	25,3
16	68,7	45,6	35,8
17	73,3	55,0	46,3
18	80,8	61,9	59,5
19	87,2	70,9	70,1
20	89,8	77,1	74,9
21	90,5	80,0	80,5
22	93,5	83,5	82,6
23	94,5	86,1	85,7
24	94,3	88,2	87,9

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 5
PARTICIPAÇÃO NA PEA HOMENS — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

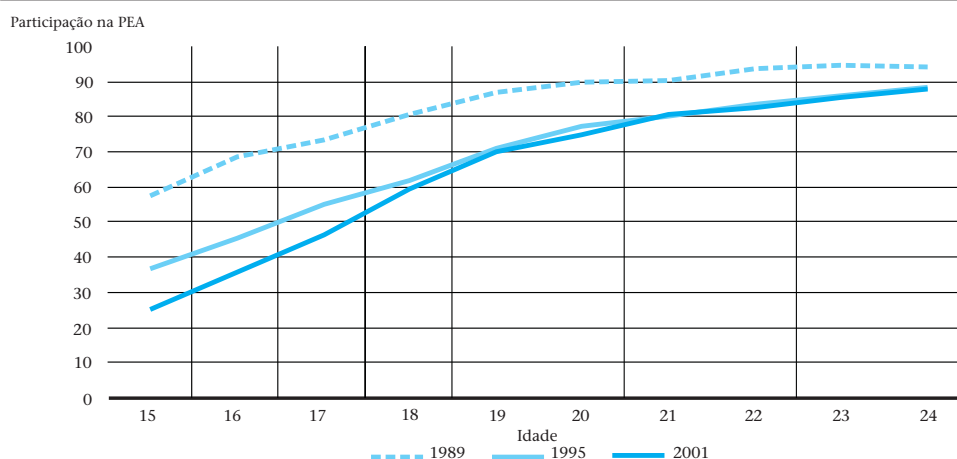
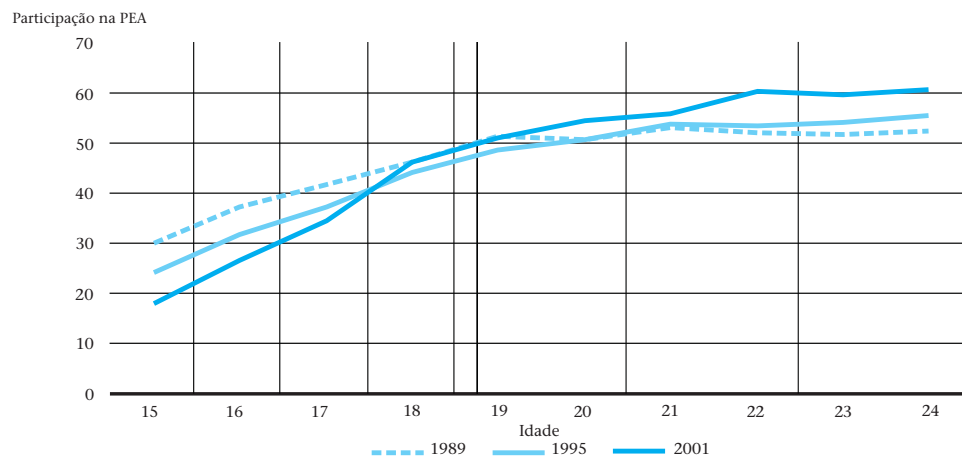


TABELA 6
PARTICIPAÇÃO NA PEA (TEA) PARA MULHERES

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	30,0	24,2	17,8
16	37,2	31,6	26,6
17	41,6	37,3	34,7
18	46,1	44,3	46,3
19	51,3	48,6	51,0
20	50,7	50,6	54,4
21	53,0	53,7	55,9
22	52,1	53,6	60,5
23	51,8	54,1	59,6
24	52,5	55,4	60,7

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 6
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS



A taxa de desemprego por idade simples dos jovens do sexo masculino é apresentada na Tabela 7 e no Gráfico 7. O brutal aumento na taxa de desemprego na década de 1990 é corroborado pelos dados, tendo ocorrido nas duas metades do período. Destacase a mudança fundamental no perfil etário da taxa de desemprego dos jovens masculinos, que era praticamente horizontal em 1989, passando a ser cada vez mais decrescente com a idade nos anos 1990. A taxa de desemprego de 2001 passa de um *plateau* mais elevado nos jovens de 15 a 17 anos, em torno de 25%, para um nível mais baixo nos jovens de 22 a 24 anos, em torno de 11%, declinando linearmente entre 18 e 21 anos.

A Tabela 8 e o Gráfico 8 apresentam o perfil da taxa de desemprego feminina. Há duas diferenças com relação às taxas masculinas. Primeiro, o crescimento no nível de desemprego das jovens foi maior do que no caso masculino, por exemplo, mais de 1/3 das meninas de 15 anos na PEA em 2001 estava procurando emprego. Segundo, o perfil etário da taxa de desemprego é distinto, apresentando um *plateau* elevado e prolongando (15 a 19 anos) com níveis em torno de 30% em 2001. Já o declínio na taxa de desemprego aberto entre 20 e 24 anos é bastante mais suave do que no caso masculino.

As tendências nas taxas de atividade e de desemprego por idade e sexo descritas ante-

TABELA 7
TAXA DE DESEMPREGO PARA HOMENS EM DIFERENTES ANOS

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	5,7	16,9	25,6
16	5,7	17,1	25,1
17	5,3	13,7	24,8
18	5,2	14,7	21,7
19	5,6	11,6	19,7
20	6,8	10,1	17,7
21	5,8	10,0	14,1
22	5,7	8,8	12,0
23	4,4	8,3	10,9
24	3,8	7,5	9,3

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 7
TAXA DE DESEMPREGO PARA HOMENS — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

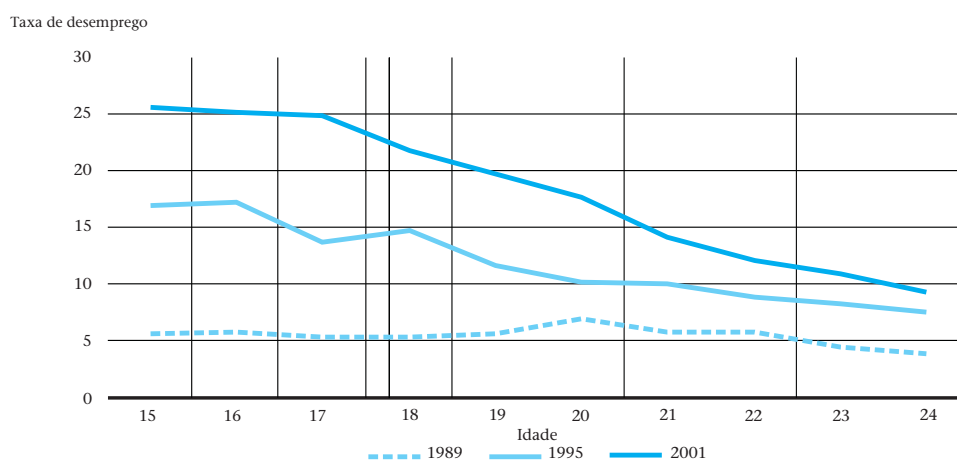
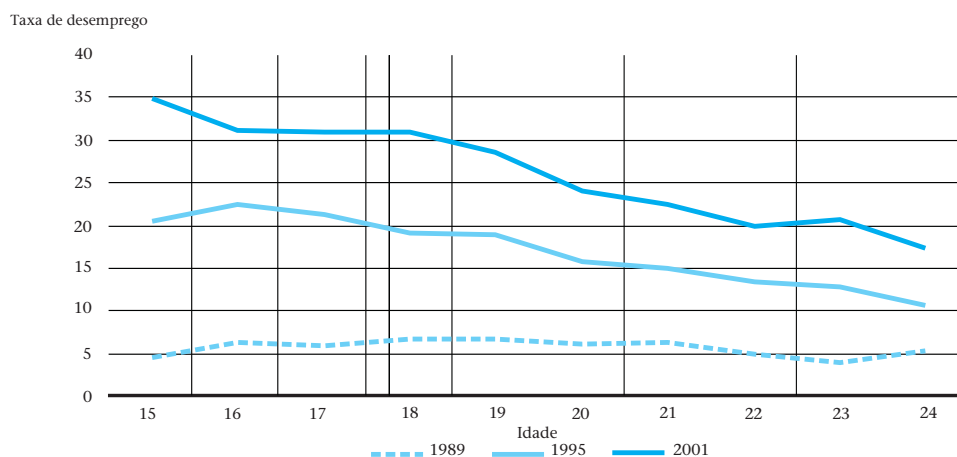


TABELA 8
TAXA DE DESEMPREGO PARA MULHERES EM DIFERENTES ANOS

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	4,6	20,5	34,8
16	6,4	22,5	31,1
17	6,0	21,3	31,0
18	6,7	19,2	31,0
19	6,8	18,8	28,6
20	6,1	15,9	24,1
21	6,4	15,0	22,5
22	5,0	13,4	19,9
23	4,0	12,9	20,6
24	5,3	10,6	17,4

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 8
TAXA DE DESEMPREGO PARA MULHERES — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS



riormente apontam para um declínio da ocupação (emprego) dos jovens tanto em decorrência da queda na taxa de atividade quanto do aumento na taxa de desemprego. Caberia indagar sobre qual seria o aumento no volume de desempregados caso a queda da taxa de atividade ocorrida no período não se tivesse verificado. O exercício apresentado na Tabela 9 esclarece esse ponto. A PEA corrente declinou em 1,7 milhão de jovens entre 1989 e 1995, tendo aumentado 2,4 milhões de jovens entre 1995 e 2001. Por outro lado, a PEA de 1995 apresenta 2,4 milhões de jovens a menos do que teria caso as taxas de atividade fossem aquelas observadas em 1989, sendo que esse número seria de 3,1 milhões de jovens em 2001. Considerando a taxa de desemprego observada nos períodos, esse decremento no número de jovens participando na PEA faz com que o já elevado número de desempregados jovens em 2001 (3,7 milhões) tenha 721 mil jovens a menos do que seria observado caso a taxa de atividade tivesse sido mantida nos níveis de 1989. Concluindo, o declínio observado na taxa de atividade arrefeceu parte da pressão no mercado de trabalho, mas não foi suficiente para compensar o aumento no número de desempregados causado pela maior taxa de desemprego no período.

Há controvérsias sobre o declínio na taxa de participação dos jovens no período, principalmente na primeira metade dos anos 1990.

Alguns analistas associam o fenômeno ao aumento da escolaridade com a retenção dos jovens no sistema de ensino, enquanto outros vêem a queda como decorrência do desalento gerado pela baixa geração de empregos no período. As Tabelas 10 e 11 corroboram o aumento da proporção de jovens que freqüentavam escola no período. Além disso, a proporção de jovens que freqüentavam escola é muito maior entre os jovens de 15 a 19 anos do que entre os de 20 a 24 anos.

As Tabelas 12 a 15 e os Gráficos 9 a 12 corroboram, em parte, a hipótese do aumento na escolaridade dos jovens, ao mostrar os resultados das TEAs controlando pela freqüência à escola. Um primeiro efeito é meramente de composição, o nível de participação na PEA dos jovens que freqüentam escola é menor do que o nível de participação daqueles que não freqüentam. Como as Tabelas 10 e 11 mostraram o aumento na proporção de jovens matriculados por idade simples, somente esse fator já explicaria uma queda relativa nas TEAs dos jovens. Um efeito inusitado é a queda bastante acentuada nas TEAs dos jovens de 15 a 17 anos que não estudam, queda esta verificada em maiores proporções entre 1989 e 1995. Esse declínio na TEA do segmento mais jovem que não estuda é observado tanto no sexo masculino quanto no feminino, sendo que entre as garotas que estudam o nível de atividade fica praticamente constante no período. Nume-

TABELA 9
DECOMPOSIÇÃO DA FLUTUAÇÃO NA PEA E NO DESEMPREGO DOS JOVENS

PEA	ANO		
	1989	1995	2001
(1) PEA CORRENTE	17.637.759	15.919.717	18.280.183
(2) PEA TEA89	17.637.759	18.336.092	21.381.868
(1) – (2)	—	-2.416.375	-3.101.685
DELTA (1)	—	-1.718.042	2.360.466
DELTA (2)	—	698.333	3.045.776
DESEMPREGADOS			
(3) CORRENTE	972.815	2.144.614	3.679.546
(4) TEA89	972.815	2.495.646	4.401.398
(3) – (4)	—	-351.033	-721.852
DELTA (3)	—	1.171.799	1.534.932
DELTA (4)	—	1.522.832	1.905.752

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 10
PROPORÇÃO DE HOMENS QUE FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	62,4	72,6	88,5
16	50,3	63,6	82,8
17	43,1	54,9	74,5
18	33,2	43,4	57,9
19	24,4	33,6	45,9
20	20,2	26,4	36,7
21	18,7	25,6	28,8
22	14,3	17,9	24,3
23	11,0	14,5	18,8
24	10,2	11,1	17,1

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 11
PROPORÇÃO DE MULHERES QUE FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	65,2	77,7	86,7
16	57,9	68,4	80,2
17	50,3	60,8	73,0
18	42,7	50,4	57,0
19	32,8	39,7	44,7
20	25,3	32,2	37,3
21	20,9	24,9	30,8
22	16,4	20,5	25,1
23	12,1	16,5	21,1
24	9,9	13,6	18,0

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 12
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA HOMENS QUE FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	40,4	29,8	22,3
16	49,6	37,7	32,0
17	52,1	45,4	40,6
18	58,7	50,2	49,1
19	67,0	55,9	58,7
20	70,3	65,9	63,5
21	70,2	68,0	67,3
22	78,9	71,9	72,0
23	79,5	78,4	76,7
24	80,3	78,8	78,9

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 13
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA HOMENS QUE NÃO FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	86,3	56,0	48,3
16	88,0	59,6	54,4
17	89,3	66,8	62,9
18	91,8	71,0	73,8
19	93,7	78,5	79,8
20	94,7	81,1	81,5
21	95,2	84,2	85,9
22	96,0	86,0	85,9
23	96,3	87,4	87,8
24	95,9	89,3	89,8

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 14
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES QUE FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	20,1	20,8	16,4
16	27,2	28,3	25,7
17	31,7	34,6	33,5
18	38,4	41,8	42,6
19	47,0	49,1	47,6
20	52,9	55,1	52,6
21	56,9	57,9	59,3
22	59,8	58,7	62,1
23	59,0	63,4	60,6
24	64,5	67,5	66,8

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

TABELA 15
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES QUE NÃO FREQUENTAVAM ESCOLA

IDADE	ANO		
	1989	1995	2001
15	48,6	35,9	27,6
16	51,0	38,8	30,4
17	51,6	41,5	37,7
18	51,8	46,8	51,2
19	53,4	48,2	53,7
20	50,0	48,5	55,5
21	51,9	52,3	54,4
22	50,6	52,3	59,9
23	50,8	52,3	59,4
24	51,1	53,4	59,3

Fonte: PNADs de 1989, 1995 e 2001.

GRÁFICO 9
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA HOMENS QUE FREQUENTAVAM ESCOLA —
COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

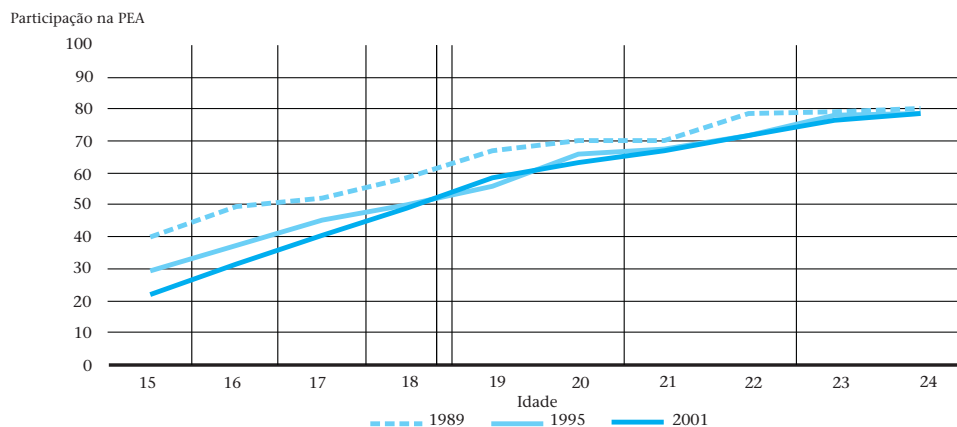


GRÁFICO 10
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA HOMENS QUE NÃO FREQUENTAVAM ESCOLA —
COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

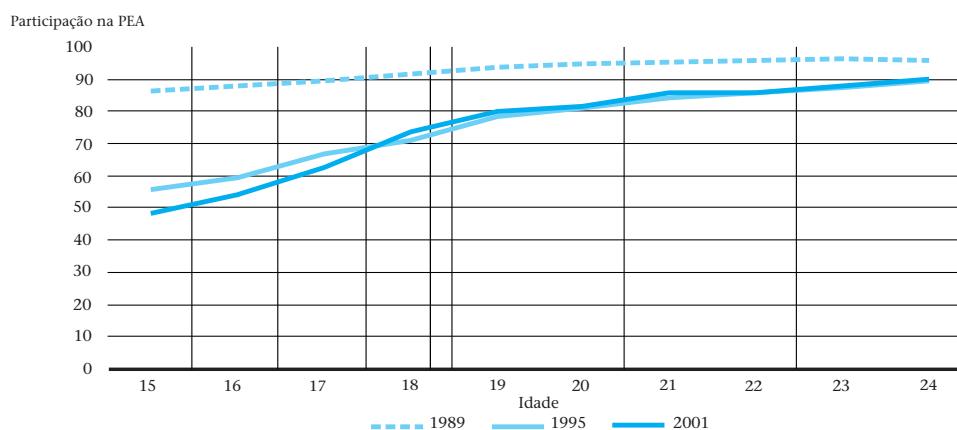


GRÁFICO 11
PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES QUE FREQUENTAVAM ESCOLA —
COMPARAÇÃO ENTRE ANOS

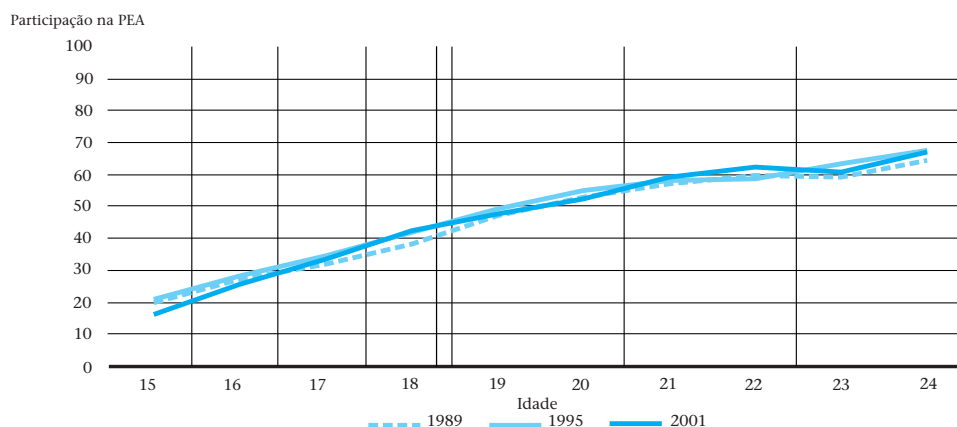
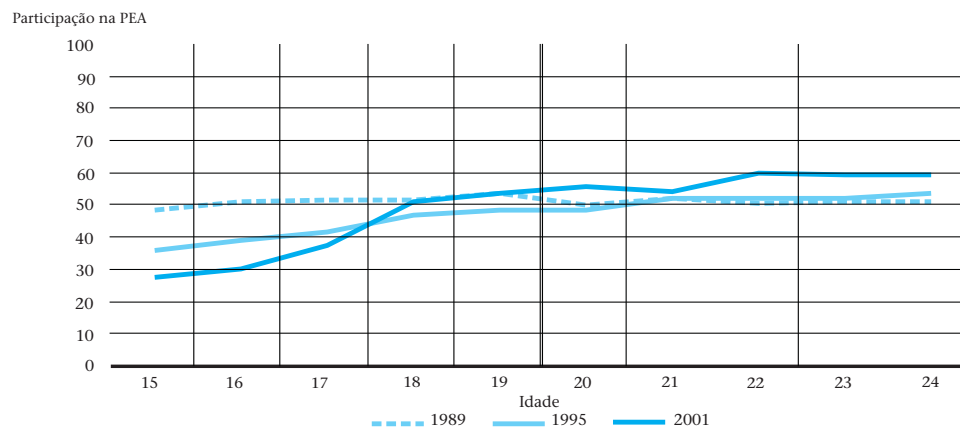


GRÁFICO 12 PARTICIPAÇÃO NA PEA PARA MULHERES QUE NÃO FREQUENTAVAM ESCOLA — COMPARAÇÃO ENTRE ANOS



ricamente, o segmento que não estuda dos jovens de 15 a 17 anos vem declinando ao longo do tempo, os jovens de 16 anos que não estudavam representavam cerca de 46% em 1989, 34% em 1995 e 19% em 2001. Apenas a título de exemplo, mais de 10% dos jovens brasileiros com 16 anos de idade em 2001 não estavam na PEA e não estudavam, constituindo um verdadeiro segmento de excluídos.

4. Perspectivas: a oferta de trabalho dos jovens no Governo Lula

Como foi evidenciado na análise de tendências, a oferta de trabalho (PEA) é o resultado do produto entre a população (por idade e sexo) e as TEAs por sexo. Um primeiro cenário, grosseiro, de estimativa da oferta de trabalho dos jovens nos próximos quatro anos pode ser formulado. Para formular tal cenário basta interagir uma projeção populacional dos jovens com uma projeção de TEA para o período. O cenário estabelecido será utilizar uma projeção populacional por idade simples para o Brasil¹ e aplicar a ela as TEAs e taxas de desemprego específicas obtidas na PNAD de 2001 e assumidas constante durante o período 2003-2006.

A projeção populacional apresentada na Tabela 16 mostra que, contrariamente aos anos 1990, não haverá pressão populacional no mercado de trabalho. A população jo-

vem terá um tamanho quase constante no período, sendo um pouco menor do que 33 milhões de pessoas.

Como a TEA é fixa nos valores de 2001 e a população projetada não variará significativamente no período, o corolário é uma PEA quase constante em torno de 18,5 milhões de jovens no período, conforme indicado na Tabela 17.

A projeção dos desempregados abertos apresentada na Tabela 18 também não surpreende sob o ponto de vista de variação temporal no período, conforme esperado pelo cenário. O número de desempregados jovens deve girar em torno de 3,6 milhões por ano, caso as condições do mercado de trabalho de 2001 não se alterem durante o período.

Esse cenário pode ser considerado extremamente básico tanto em termos de TEA quanto de taxa de desemprego dos jovens, pois admite que as taxas serão constantes no nível de 2001 durante os quatro anos de Governo Lula. Pelo menos nesse cenário o objetivo não é acertar a previsão das taxas, mas sim delimitar um parâmetro de restrição de oferta a partir do qual políticas de crescimento econômico e emprego devem atuar.

1. A projeção populacional utilizada foi obtida a partir de estimativas realizadas pelo Cedeplar/UFMG, como produto de convênio com Inep/MEC.

TABELA 16
PROJEÇÃO DA POPULAÇÃO JOVEM POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	3.239.293	3.211.763	3.184.699	3.213.608
16	3.241.464	3.193.880	3.146.975	3.178.288
17	3.252.929	3.195.717	3.139.259	3.166.087
18	3.277.358	3.227.034	3.177.317	3.189.284
19	3.307.602	3.275.026	3.242.787	3.234.186
20	3.334.215	3.317.897	3.301.671	3.273.935
21	3.360.733	3.360.930	3.360.925	3.312.843
22	3.365.526	3.382.117	3.398.456	3.340.696
23	3.337.382	3.368.583	3.399.870	3.349.348
24	3.286.064	3.330.194	3.374.980	3.342.755
TOTAL	33.002.566	32.863.139	32.726.940	32.601.030

Fonte: Projeção populacional Cedeplar/UFMG de 2002 em convênio com o Inep/MEC.

TABELA 17
PROJEÇÃO DOS JOVENS NA PEA POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	700.517	694.553	688.693	695.098
16	1.013.279	998.264	983.464	993.522
17	1.318.233	1.294.791	1.271.659	1.282.903
18	1.736.098	1.709.217	1.682.661	1.689.326
19	2.005.332	1.985.506	1.965.888	1.960.891
20	2.159.154	2.148.737	2.138.380	2.120.401
21	2.295.183	2.295.771	2.296.219	2.263.028
22	2.409.445	2.421.940	2.434.254	2.392.439
23	2.427.739	2.451.327	2.474.987	2.437.818
24	2.441.799	2.475.625	2.509.965	2.485.933
TOTAL	18.506.779	18.475.731	18.446.170	18.321.359
TEA-T(%)	56	56	56	56

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFMG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.

TABELA 18
PROJEÇÃO DOS JOVENS DESEMPREGADOS POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	205.579	203.831	202.113	203.953
16	279.609	275.494	271.437	274.159
17	362.008	355.624	349.325	352.335
18	446.837	440.000	433.245	434.841
19	470.147	465.519	460.940	459.709
20	439.928	437.776	435.636	431.976
21	402.618	402.619	402.597	396.854
22	369.330	371.091	372.823	366.530
23	361.424	364.702	367.989	362.565
24	306.741	310.769	314.856	311.856
TOTAL	3.644.220	3.627.425	3.610.961	3.594.778
TD-T(%)	20	20	20	20

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFMG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.

5. À guisa de conclusão: parâmetros de oferta para políticas de emprego

Uma primeira conclusão de política de emprego deste trabalho refere-se à comparação do segmento de jovens com os demais segmentos da população em idade ativa. Está claro que o problema de geração de empregos para os jovens não decorre nem do crescimento da população jovem, nem de um pouco provável aumento na taxa de participação na PEA. Isso contrasta com a grande visibilidade da necessidade de se gerar empregos para os jovens, tão enfatizada durante o processo eleitoral. De acordo com a análise aqui apresentada, essa visibilidade decorre do alto volume de jovens desempregados. Caso não ocorra nenhuma mudança estrutural, projetam-se cerca de 3,6 milhões de jovens desempregados por ano. Há uma janela de oportunidades no segmento dos jovens, pois qualquer geração de empregos no segmento contribuirá diretamente para uma redução na taxa de desemprego aberto do país. Por outro lado, a pressão por novos empregos decorrentes da dinâmica populacional ocorrerá em outros segmentos de idades mais avançadas, fato que merece outro estudo detalhado.

Os programas de primeiro emprego que possam vir a ser desenhados tornam-se extremamente importantes, pois causarão impacto direto na diminuição da taxa de desemprego aberto, além de ajudar a cumprir metas de geração de empregos estabelecidas. Não é função desta nota avaliar as experiências estaduais e municipais de programas de primeiro emprego, entretanto, é possível adiantar que o custo de se gerar subsídios para a geração de primeiro emprego em números expressivos será muito alto. Mesmo que se opte pela utilização desse instrumento de política, esta nota contribui para mostrar uma certa heterogeneidade nas restrições de oferta que dificultariam o desenho de uma política uniforme.

Dois exemplos serão mencionados a título de ilustração. Primeiro, o segmento de jovens que não estudam, nem trabalham, nem procuram emprego deve ser objeto de política específica. Este segmento caracteriza um tipo de exclusão inaceitável. Segundo, o segmen-

to de jovens que freqüentam escola no ensino médio e superior deve ser diferenciado. Este segmento ganharia mais com um programa de estágios do que com um programa de primeiro emprego, nos moldes das experiências já existentes. O estágio já está regulamentado, possui baixo custo trabalhista, é compatível com várias modalidades de proteção social, demanda poucos recursos orçamentários e está coadunado com o incentivo mais fundamental que é o aumento da escolaridade média dos jovens.

A título de ilustração e conclusão, as Tabelas 19 a 22 delimitam o público-alvo de uma política de estágios. Uma política de estágios deve ser pensada como complemento a um programa de primeiro emprego, focalizando um determinado público-alvo e visando ao mesmo tipo de impacto de redução na taxa de desemprego aberto dos jovens. A lei de estágios atualmente em vigor permite que qualquer aluno matriculado no ensino médio ou superior possa se beneficiar de um contrato de estágio. Os dados da Tabela 19 mostram que cerca da metade dos jovens está matriculada, sendo a participação bem maior entre 15 e 17 anos de idade. Já os dados da Tabela 20 mostram que o público-alvo de uma política de estágios é composto por cerca de 9 milhões de jovens. Pouco menos do que a metade desses jovens já está na PEA, cerca de 4 milhões de jovens conforme a Tabela 21. Em torno de 1 milhão de jovens estão na PEA e são desempregados, este é o público-alvo mais imediato de uma política de estágios. No caso deste público-alvo, uma política de estágios pode ser bem mais efetiva do que uma política de primeiro emprego. Os desempregados que estudam no ensino médio ou superior representam cerca de 30% do estoque de desempregados jovens, de acordo com a projeção anual desta nota, sendo claramente um público-alvo específico para política de emprego. Outras políticas de emprego deveriam ser destinadas àqueles jovens que estudam, estão desempregados, mas ainda cursam o ensino fundamental. Obviamente, o segmento de jovens que não estudam e estão desempregados continua representando segmento importante, merecendo o desenho de política específica que provavelmente se aproximaria mais dos programas de primeiro emprego existentes.

TABELA 19
PROJEÇÃO DOS JOVENS MATRICULADOS POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	2.837.651	2.813.532	2.789.822	2.815.183
16	2.642.789	2.603.953	2.565.672	2.591.278
17	2.400.196	2.357.948	2.316.257	2.336.101
18	1.883.602	1.854.663	1.826.074	1.832.975
19	1.498.669	1.483.904	1.469.292	1.465.409
20	1.234.718	1.228.670	1.222.657	1.212.387
21	1.001.058	1.001.081	1.001.044	986.750
22	830.862	834.936	838.948	824.705
23	665.842	671.988	678.150	668.108
24	575.640	583.338	591.149	585.507
TOTAL	15.571.028	15.434.013	15.299.066	15.318.403
TM-T(%)	47	47	47	47

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFMG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.

TABELA 20
PROJEÇÃO DOS JOVENS MATRICULADOS NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	875.103	867.677	860.374	868.000
16	1.319.645	1.300.413	1.281.454	1.293.933
17	1.490.841	1.464.825	1.439.152	1.451.151
18	1.210.252	1.191.724	1.173.419	1.177.757
19	984.427	974.742	965.158	962.567
20	878.754	874.426	870.123	862.816
21	737.774	737.779	737.740	727.214
22	603.682	606.617	609.507	599.177
23	486.312	490.786	495.272	487.944
24	422.981	428.641	434.384	430.238
TOTAL	9.009.771	8.937.631	8.866.584	8.860.798

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFMG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.

TABELA 21
PROJEÇÃO DOS JOVENS NA PEA E MATRICULADOS NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR
POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	160.828	159.463	158.121	159.523
16	398.086	392.284	386.565	390.329
17	565.408	555.541	545.804	550.355
18	597.045	587.905	578.875	581.015
19	562.270	556.739	551.264	549.784
20	521.472	518.904	516.350	512.014
21	469.798	469.802	469.777	463.074
22	411.462	413.462	415.431	408.391
23	337.958	341.067	344.184	339.092
24	317.536	321.785	326.097	322.984
TOTAL	4.341.862	4.316.951	4.292.469	4.276.561

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.

TABELA 22
PROJEÇÃO DOS JOVENS DESEMPREGADOS E MATRICULADOS NO ENSINO MÉDIO E
SUPERIOR POR IDADE SIMPLES NO BRASIL

IDADE	ANO			
	2003	2004	2005	2006
15	49.668	49.247	48.832	49.265
16	115.976	114.286	112.620	113.717
17	173.085	170.065	167.084	168.477
18	190.023	187.114	184.240	184.921
19	158.619	157.058	155.514	155.096
20	122.851	122.246	121.644	120.623
21	102.010	102.010	102.005	100.550
22	68.586	68.920	69.248	68.074
23	57.564	58.094	58.625	57.757
24	43.808	44.394	44.989	44.560
TOTAL	1.082.191	1.073.435	1.064.802	1.063.041

Fontes: Projeção populacional Cedeplar/UFG de 2002, em convênio com o Inep/MEC, e PNAD de 2001.